

J. M. BARRIE

PETER E WENDY

seguido de

PETER PAN EM
KENSINGTON GARDENS

Tradução de
RODRIGO BREUNIG

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

PETER E WENDY

CAPÍTULO I

PETER APARECE

Todas as crianças crescem, exceto uma. Elas logo descobrem que vão crescer, e Wendy descobriu assim: Um dia, quando tinha dois anos de idade, ela estava brincando num jardim e colheu uma flor a mais e correu com ela até sua mãe. Acho que Wendy devia estar mais graciosa do que nunca, pois a sra. Darling levou a mão ao coração e exclamou:

– Ah, bem que você poderia ficar assim para sempre!

Isso foi tudo o que houve entre elas em torno do assunto, mas dali em diante Wendy soube que iria crescer. Todo mundo sabe, depois de fazer dois anos. Dois é o começo do fim.

Eles moravam no número 14, é claro, e até a chegada de Wendy a estrela da casa era sua mãe. A sra. Darling era uma mulher encantadora, tinha uma mente romântica e uma boca muito doce e debochada. Sua mente romântica era como aquelas caixinhas, uma dentro da outra, que vêm do desconcertante Oriente: por mais que encontremos caixinhas, sempre vai haver mais uma. E sua boca doce e debochada possuía um beijo que Wendy nunca conseguia pegar, embora lá estivesse ele, perfeitamente conspícuo no canto direito.

O sr. Darling a seduziu assim: os vários senhores que eram meninos quando ela era menina descobriram ao mesmo tempo que a amavam, e todos correram até a casa dela para propor casamento, menos o sr. Darling, que pegou um táxi e chegou na frente, e dessa forma a conquistou. Conquistou tudo dela, menos a caixinha mais escondida e o beijo. Ele nunca soube da existência da caixinha, e com o tempo desistiu de tentar conquistar o beijo. Wendy achava que Napoleão teria conseguido, mas eu o vejo tentando e então indo embora com raiva, batendo a porta com toda a força.

O sr. Darling gostava de se exhibir para Wendy dizendo que a mãe dela não apenas o amava como também o respeitava. Ele era um desses homens profundos que sabem tudo

sobre fundos e ações. É claro que ninguém sabe, na verdade, mas ele até que parecia saber, e ficava dizendo que os fundos estavam em alta e que as ações estavam em baixa de um jeito que teria feito qualquer mulher respeitá-lo.

A sra. Darling se casou de branco, e nos primeiros tempos cuidou das contas da casa com perfeição, ou até com alegria, como se fosse um jogo: nem uma couve-de-bruxelas deixava de ser registrada. Aos poucos, porém, couves-flores enormes iam sendo esquecidas, e no lugar delas apareciam retratos de bebês sem rosto. Ela os desenhava quando devia estar fazendo contas. Eram os palpites da sra. Darling.

Wendy veio primeiro, e depois John, e depois Michael.

Por uma semana ou duas, depois da chegada de Wendy, não se soube se seria possível ficar com ela, já que era uma boca a mais para alimentar. O sr. Darling morria de orgulho da filha, mas era um homem muito honrado, e se sentava na beira da cama da sra. Darling, segurando a mão da esposa, calculando despesas, enquanto ela lhe lançava um olhar de súplica. Ela queria arriscar, acontecesse o que acontecesse, mas não era assim que ele procedia; o procedimento dele era usar lápis e papel, e se ela o confundisse com sugestões ele tinha de começar do começo de novo.

– Tente não me interromper agora – ele pedia. – Eu tenho uma libra e dezessete xelins aqui, e dois xelins e seis pence no escritório; posso cortar o meu café no escritório e economizar uns dez xelins, e com isso tenho duas libras, nove xelins e seis pence, e com os seus dezoito xelins e três pence temos três libras, nove xelins e sete pence, e com cinco zero zero do meu talão de cheques temos oito libras, nove xelins e sete pence... Quem está se mexendo aí?... Oito, nove e sete, aqui arrasto o sete... Não diga nada, meu amor... E com a libra que você emprestou para aquele homem que apareceu na porta... Calma, filhinha... Aqui arrasto a filhinha... Pronto, você me confundiu!... Eu disse nove libras, nove xelins e sete pence? Sim, isso mesmo, nove nove sete. A questão é: nove libras, nove xelins e sete pence são suficientes para um ano?

– Claro que são, George! – a sra. Darling exclamou.

Mas ela já estava inclinada em favor de Wendy; dos dois, a personalidade mais forte na verdade era a dele.

– Pense na caxumba – o sr. Darling advertiu, de forma quase ameaçadora, e lá se foi ele de novo. – Caxumba, uma libra, é o que anotei aqui, mas ousou dizer que vai custar mesmo uns trinta xelins... Não fale nada... Sarampo, uma libra e cinco xelins, rubéola meio guinéu, isso dá duas libras, quinze xelins e seis pence... Não balance o dedo... Coqueluche, digamos que uns quinze xelins...

E ele continuava, sem parar, e a cada vez a soma era diferente, mas no fim das contas Wendy foi aprovada, com a caxumba reduzida a doze xelins e seis pence e com o sarampo e a rubéola encarados como uma só infecção.

Houve a mesma agitação em torno de John, e Michael passou por um aperto ainda maior; mas os dois acabaram aceitos, e logo já podíamos ver os três andando em fila, indo para o jardim de infância da srta. Fulsom, acompanhados pela babá.

A sra. Darling adorava fazer tudo do jeito certo, e o sr. Darling tinha uma mania de ser exatamente como eram seus vizinhos; então, é claro, eles tinham uma babá. Como eram pobres, devido à quantidade de leite que as crianças bebiam, essa babá era uma altiva cadela terra-nova, chamada Nana, que não pertencera a ninguém em particular antes de ser contratada pelos Darling. Mas Nana sempre teve a maior consideração por crianças, e os Darling a conheceram no Kensington Gardens, onde ela passava a maior parte de seu tempo livre e ficava espiando os carrinhos de bebê. Era detestada pelas babás descuidadas, que ela seguia até suas casas para denunciá-las às patroas. Provou ser um tesouro de babá. Era meticulosa na hora do banho, e se levantava a qualquer momento, durante a noite, ao menor sinal de choro de seus protegidos. Sua casinha ficava no quarto das crianças, é claro. Tinha o dom de saber se uma tosse era algo que exigia mais do que paciência e quando era o caso de enrolar uma meia no pescoço. Acreditou, até o último de seus dias,

em remédios antiquados, como folhas de ruibarbo, e dava gemidos de desdém quando ouvia essas conversas modernas sobre germes e outras tolices. Era uma lição de boas maneiras vê-la escoltar as crianças até a escola, caminhando serena ao lado delas quando se comportavam bem e as empurrando de volta para a fila, com a cabeça, quando se dispersavam. Nos dias em que John jogava futebol, jamais se esquecia de levar o suéter dele, e geralmente carregava um guarda-chuva na boca, para o caso de chover. Existe uma sala, no porão da escola da srta. Fulsom, onde as babás ficam esperando. Elas se sentavam em bancos compridos e Nana deitava no chão, mas essa era a única diferença. As babás fingiam ignorá-la, como se ela pertencesse a uma classe inferior, e Nana desprezava as conversas bobas delas. Ela se aborrecia quando amigas da sra. Darling entravam no quarto das crianças, mas, quando a visita era inevitável, tratava de primeiro tirar o avental de Michael para substituí-lo por um outro que tinha adornos azuis, e também alisava a roupa de Wendy e ajeitava o cabelo de John.

Nenhum outro quarto de criança poderia ser tão bem administrado, e o sr. Darling sabia disso, embora às vezes perguntasse a si mesmo, com certo desconforto, o que é que os vizinhos estariam falando.

Ele tinha de levar em conta a reputação que tinha na cidade.

Nana o preocupava ainda num outro sentido. Ele tinha às vezes a sensação de que a cadela não o admirava.

– Nana tem uma tremenda admiração por você, George, eu sei disso – a sra. Darling lhe assegurava, e ao mesmo tempo fazia sinais para as crianças, pedindo a elas que tratassem o pai com um carinho especial.

Seguiam-se danças encantadoras, nas quais era permitida, às vezes, a participação de Liza, a única outra criada da casa. Ela era baixinha como uma criança, com sua saia longa e com sua touca de empregada, porém tinha jurado, ao ser contratada, que nunca mais teria dez anos de idade. A alegria daquelas folias! E entre todos quem mais se alegrava

era a sra. Darling, que dava piruetas tão alucinantes que só se via seu beijo e mais nada, e se você se jogasse contra ela poderia até pegar o beijo para si. Nunca houve uma família mais simples e mais feliz, até a chegada de Peter Pan.

A sra. Darling ouviu falar de Peter Pan pela primeira vez numa ocasião em que estava arrumando as mentes de seus filhos. É um costume noturno de toda boa mãe, quando os filhos já estão dormindo, inspecionar o interior de suas mentes e deixar tudo organizado para a manhã seguinte, recolocando em seus devidos lugares as muitas coisas que perambularam durante o dia. Se você conseguisse ficar acordado (mas é claro que não consegue), veria sua mãe fazendo isso, e acharia muito interessante observá-la. É bem parecido com arrumar gavetas. Você a veria se ajoelhando, eu acho, e analisando com calma e jovialidade os conteúdos da sua mente, tentando imaginar de onde é que você tirou determinada coisa, fazendo algumas descobertas saborosas e outras mais azedas, apertando algo de encontro à bochecha, como se fosse um gatinho fofo, e escondendo outra coisa às pressas. Quando você acorda, de manhã, as travessuras e as ideias maldosas com as quais você foi para a cama já foram dobradas mil vezes e estão guardadas no fundo da sua mente; e no alto, lindos e arejados, estão dispostos os seus pensamentos mais bonitos, prontos para o uso.

Não sei se você já viu o mapa da mente de uma pessoa. Os médicos às vezes desenham mapas de outras partes do nosso corpo, e esse mapeamento pode vir a ser algo interessantíssimo, mas veja como é quando eles tentam desenhar o mapa da mente de uma criança, que não apenas é confusa como ainda fica girando o tempo todo. Há linhas em ziguezague no mapa, como num gráfico de temperatura corporal, e elas são, provavelmente, estradas da ilha; pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com assombrosos salpicos coloridos aqui e ali, e recifes de coral e embarcações suspeitas ao largo, e índios e tocas solitárias, e gnomos que são na maioria alfaiates, e cavernas por entre as quais corre um rio, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e

uma cabana caindo aos pedaços, e uma velhinha pequenina com nariz curvo. Seria um mapa fácil de fazer, se fosse só isso; mas há também o primeiro dia de escola, religião, pais, o laguinho redondo, trabalho de costura, assassinatos, enforcamentos, verbos com dativo, dia de pudim de chocolate, ganhar suspensórios, dizer “trinta e três” para o médico, receber moeda por arrancar o dente você mesmo, e assim por diante; e todas essas coisas ou fazem parte da ilha ou são outro mapa que aparece por baixo, e é tudo um tanto confuso, ainda mais porque nada fica parado no lugar.

As Terras do Nunca variam bastante, é claro. A ilha de John, por exemplo, tinha uma laguna com flamingos voando por cima, nos quais John ficava dando tiros, enquanto que a do pequeno Michael tinha um flamingo com lagunas voando por cima. John morava num barco que estava virado de cabeça para baixo na areia, Michael numa tenda indígena e Wendy numa casa feita com folhas habilmente costuradas. John não tinha amigos, Michael tinha amigos à noite e Wendy tinha um lobinho de estimação que fora abandonado pelos pais; em geral, porém, as Terras do Nunca possuem uma aparência meio semelhante, familiar, e se elas se parassem uma do lado da outra você poderia dizer que todas têm o mesmo nariz e assim por diante. Para todo o sempre, crianças imaginativas chegarão a essas praias mágicas em seus barquinhos. Nós também já estivemos lá; ainda podemos ouvir a rebentação das ondas, mas nunca mais desembarcaremos.

De todas as ilhas aprazíveis, a Terra do Nunca é a mais acolhedora e a mais compacta; nem grande nem esparrramada, não tem distâncias tediosas entre uma aventura e outra e é repleta de deleites. Quando você brinca nela de dia, com cadeiras e com uma toalha de mesa, a brincadeira não dá nem um pouco de medo, mas nos dois minutos antes de você pegar no sono as coisas se tornam quase reais. É por isso que existem luzes de cabeceira.

Em suas viagens pelas mentes dos filhos, a sra. Darling de vez em quando encontrava coisas que não compreendia,

PETER PAN EM
KENSINGTON GARDENS

CAPÍTULO I

O GRANDE PASSEIO PELO GARDENS

Vocês precisam entender que será difícil acompanhar as nossas aventuras se não se familiarizarem com o Kensington Gardens, se não o conhecerem tão bem quanto David o conhece. O Gardens fica em Londres, onde vive o rei, e as crianças o visitam todos os dias, a não ser que estejam decididamente febris, mas ninguém jamais conseguiu percorrer todo o parque num só dia, porque a hora de ir embora chega muito rápido. A hora de ir embora chega rápido porque você precisa dormir das doze à uma. Se a sua mãe não insistisse tanto nessa obrigação de dormir das doze à uma, você muito provavelmente veria tudo num dia só.

Os jardins do parque são cercados, num lado, por uma fileira de incontáveis ônibus, sobre os quais Irene exerce uma autoridade suprema: quando ela levanta o dedo, o ônibus para imediatamente. Em seguida ela atravessa a rua em segurança com você. O Gardens não conta com um portão isolado apenas, conta com uma porção de portões, mas é por esse portão isolado que você entra, e antes de entrar você conversa com a senhora dos balões, que fica sentada na entrada, do lado de fora. Isso é o mais perto que ela chega de se aventurar parque adentro, pois, se deixasse de agarrar a grade por um só momento, seria erguida no ar pelos balões, e se perderia nos confins do céu. Ela fica bem agachada, porque os balões ficam lhe dando repuxões o tempo todo; devido à força dos repuxões, seu rosto adquiriu uma tez vermelha permanente. Houve um tempo em que ela era novata, porque a veterana se soltara da grade, e David sentia muita pena da veterana; mas o fato é que ela se soltara, e David queria ter estado lá para ver.

O Gardens é um lugar tremendamente grande, com milhões e centenas de árvores, e você se dirige primeiro ao playground do parque, o Figs, mas você detesta perder muito tempo nele, porque o Figs é o refúgio de certas pequenas

peessoas superiores, que não podem se misturar com a plebe sob nenhuma hipótese; o playground tem esse nome, segundo a lenda, porque elas dão importância desmedida aos figurinos que vestem. Desdenhosamente, David e outros heróis chamam essas criaturas afetadas de “os Figs”; para que vocês tenham uma ideia dos modos e dos costumes desse setor dândi do Gardens, basta que eu lhes conte que os Figs não dizem críquete, dizem cricri. Ocasionalmente um Fig rebelde pula a grade e penetra no mundo; foi o caso de Miss Mabel Grey, de quem falaremos quando chegarmos ao portão de Miss Mabel Grey. Dos Figs, só ela se tornou célebre.

Estamos agora na Alameda Larga, que é bem maior do que as outras alamedas, assim como o seu pai é maior do que você. David perguntava a si mesmo se ela nascera pequena e depois crescera e crescera até virar adulta, e se as outras alamedas eram seus bebês, e ele fez um desenho, que o divertiu bastante, em que se vê a Alameda Larga dentro de um carrinho de bebê, passeando e tomando um ar. Na Alameda Larga você encontra todas as pessoas que vale a pena conhecer, e geralmente há um adulto com elas, para evitar que pisem em grama molhada, e para que fiquem de castigo no canto de um banco caso tenham feito papel de cachorro louco ou de Mary Ann. Fazer papel de Mary Ann é se comportar como menina, choramingar porque a babá não quer pegar você no colo, sorrir tolamente com o polegar na boca, e é uma atitude detestável, mas ser cachorro louco é sair chutando tudo pela frente, e nisso existe uma certa satisfação.

Se eu fosse ficar apontando todas as atrações notáveis do caminho, enquanto avançamos pela Alameda Larga, não teríamos tempo nem de chegar ao fim do percurso, de modo que escolho, a esmo, a Árvore de Cecco, esse lugar memorável em que um menino chamado Cecco perdeu uma moeda e, procurando por ela, encontrou duas. O lugar tem sido submetido a muitas escavações desde então. Alguns passos adiante encontramos a casinha de madeira em que Marmaduke Perry se escondeu. É o acontecimento diurno

mais terrível da história do Gardens: Marmaduke Perry fizera papel de Mary Ann por três dias seguidos, e foi condenado a aparecer na Alameda Larga vestindo as roupas de sua irmã. Ele se escondeu na casinha e só aceitou sair quando lhe trouxeram calças curtas com bolsos.

Tente agora ir até o Laguinho Redondo; mas as babás o odeiam, porque não possuem vigor, e elas fazem com que você olhe em outra direção, para a Grande Moeda e para o Palácio da Menininha. Essa menininha, a criança mais celebrada do Gardens, vivia sozinha no palácio, com inúmeras bonecas, e as pessoas tocavam a campainha e ela se levantava da cama, embora já passasse das seis, e acendia uma vela e abria a porta vestindo sua camisola, e então todos gritavam, em grande regozijo: “Viva a rainha da Inglaterra!” O que mais intrigava David era que ela soubesse onde estavam guardados os fósforos. A Grande Moeda é uma estátua em homenagem a ela.

A seguir chegamos à Rampa, que é o trecho da Alameda Larga em que são realizadas as grandes corridas, e, mesmo que você não tenha intenção de correr, assim que chega à Rampa você sai correndo, porque é um lugar fascinante e deslizante. Muitas vezes você acaba parando, na metade da descida, e então você se perdeu, mas há uma outra casinha de madeira ali perto, a Casa Perdida, e assim você explica ao homem que você se perdeu e então ele encontra você. É uma diversão inacreditável correr Rampa abaixo, seria bom correr nela nos dias de ventania, mas nesses dias você não está lá, e as folhas caídas correm por você. Não há praticamente nada que tenha um senso de diversão tão apurado quanto uma folha caída.

Da rampa é possível ver o portão que tem o nome de Miss Mabel Grey, a Fig sobre a qual prometi falar. Havia sempre duas babás com ela, ou melhor, uma mãe e uma babá, e por um longo tempo ela foi uma criança modelo, que não tossia em cima da mesa e que dizia “Como vai?” para os outros Figs, e sua única brincadeira consistia em jogar uma bola longe, graciosamente, para que sua babá fosse buscá-

la. Então certo dia ela se cansou de tudo e virou cachorro louco, e, primeiro, para demonstrar que tinha virado mesmo um cachorro louco, desatou os cadarços de suas botas e botou sua língua para fora nas direções leste, oeste, norte e sul. Depois jogou sua cinta numa poça e dançou sobre ela até seu vestido ficar todo salpicado de água suja, e feito isso escalou a cerca e viveu uma série de inacreditáveis aventuras, sendo que uma das menos inacreditáveis foi ter chutado suas botas para longe. Por fim, chegou ao portão que agora tem seu nome, e por ele saiu correndo e se meteu em ruas nas quais David e eu nunca estivemos, embora já tenhamos escutado o barulho ensurdecedor delas, e seguiu correndo e nunca mais teria sido vista de novo caso sua mãe não tivesse pulado para dentro de um ônibus no qual a apanhou. Devo dizer que isso tudo ocorreu muito tempo atrás, e essa não é a Mabel Grey que David conhece.

Retornando à Alameda Larga, temos à direita a Alameda dos Bebês, que é tão abarrotada de carrinhos que você conseguiria cruzá-la de um lado ao outro pisando em bebês, mas as babás não permitiriam. Dessa alameda, uma passagem, conhecida como Polegar de Bunting porque tem a extensão de um polegar, leva à Rua do Piquenique, na qual você encontra chaleiras de verdade, e flores de castanheira caem dentro de sua xícara enquanto você toma um chá. É bem comum que crianças façam piqueniques aqui, e as flores caem inevitavelmente em suas xícaras.

A seguir temos o Poço de St. Govor, que estava cheio de água quando o Destemido Malcolm caiu dentro dele. Ele era o tesouro de sua mãe, e permitia que ela o abraçasse em público porque era viúva, e tinha um fraco por aventuras e gostava de brincar com um certo sujeito, um limpador de chaminés que já matara um bocado de ursos. O nome do limpador era Sooty; um dia eles estavam brincando perto do poço e Malcolm caiu dentro dele e teria se afogado se Sooty não tivesse mergulhado para salvá-lo, e a água limpou a fuligem do rosto de Sooty e agora ali estava ele com sua identidade revelada: era o pai de Malcolm, desaparecido

tanto tempo antes. Depois disso Malcolm não permitiu mais que sua mãe o abraçasse em público.

Entre o poço e o Laguinho Redondo ficam os campos de críquete, e a distribuição dos jogadores dos dois times toma tanto tempo que muitas vezes mal sobra tempo para o críquete. Todo mundo quer rebater primeiro, e quando os times trocam de posição o primeiro rebatedor quer arremessar primeiro, a não ser que você seja mais forte do que ele, e enquanto vocês dois lutam os outros arremessadores se dispersam e vão jogar outra coisa. O Gardens serve de campo para dois tipos de críquete: críquete de menino, que é o críquete de verdade, com taco, e críquete de menina, que é um jogo com raquete e com presença de uma governanta. As meninas nem sabem jogar críquete, na verdade, e você fica observando seus esforços inúteis e zomba delas com gritos de escárnio. Houve, contudo, um incidente muito desagradável numa ocasião, quando certas meninas atrevidas desafiaram o time de David, e uma criatura bizarra chamada Angela Clare arremessou tantas bolas certas que... Bem, em vez de falar sobre as consequências dessa lamentável partida eu vou passar direto para o Laguinho Redondo, que é a engrenagem que mantém o Gardens em funcionamento.

Ele é redondo porque está situado exatamente no centro do parque, e depois de se aproximar dele você não quer mais se distanciar. Você não consegue se comportar direito o tempo inteiro no Laguinho Redondo, por mais que tente. Você consegue se comportar direito o tempo inteiro na Alameda Larga, mas não no Laguinho Redondo, e isso ocorre porque você se esquece e, quando lembra, já está tão molhado que não custa nada se molhar ainda mais. Há homens que soltam barcos a vela no Laguinho Redondo; são barcos tão grandes que os homens os trazem em carrinhos de mão, ou até em carrinhos de bebê, e nessas ocasiões os bebês são obrigados a caminhar. As crianças de pernas tortas do Gardens são aquelas que tiveram de aprender a caminhar cedo demais porque seus pais precisavam usar o carrinho de bebê.

Você nunca para de sonhar em ter um barco a vela para soltar no Laguinho Redondo, e por fim você ganha um do seu tio; e é esplêndido levar o barco para o Laguinho no primeiro dia, e também é esplêndido falar sobre ele com meninos que não têm tios, mas você logo prefere deixá-lo em casa. Porque não há nada mais incrível, no Laguinho Redondo, do que soltar as amarras de uma embarcação conhecida como barco-graveto: ela é em tudo semelhante a um graveto, mas só até o momento em que você a solta na água, na ponta de um barbante. Então você vai circundando o Laguinho, conduzindo a embarcação, e começa a ver homenzinhos que correm pelo convés, e velas são içadas magicamente e se inflam com o vento, e em noites tempestuosas você abriga o barco em portos seguros que os iates nobres não conhecem. A noite se passa num piscar de olhos, e de novo a audaz embarcação voa com o vento, baleias esguicham, você desliza por sobre cidades submersas e confronta-se com piratas e lança âncora em ilhas de coral. Você fica sozinho ao longo de toda a aventura, porque dois meninos juntos não conseguem ir muito longe mar adentro, e embora você possa conversar consigo durante a viagem, dando ordens e executando-as com presteza, quando chega a hora de ir para casa você já não sabe mais onde esteve ou o que é que inflou suas velas; o tesouro que você encontrou está guardado no seu porão, por assim dizer, e será descoberto por outro menino, talvez, num futuro distante.

Não há nada, porém, nos porões dos iates nobres. Existe alguém que retorne, por acaso, a esse lugar predileto da infância por causa dos iates nobres? É claro que não. A embarcação que carrega memórias é o barco-graveto. Os iates são brinquedos, seus donos são marinheiros de água doce, eles não fazem mais do que cruzar um laguinho de um lado para o outro, e só o barco-graveto se aventura pelo mar. Não pensem, vocês que ostentam seus iates vistosos, que estamos aqui por causa de vocês; os seus navios estão aqui por acidente e, se os patos os subjugassem e os afundassem, a vida real do Laguinho Redondo teria prosseguimento, como se nada tivesse acontecido.